

CULTURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA – A FORMAÇÃO DE UMA NAÇÃO EM VIVA O POVO BRASILEIRO

CAVALCANTE, Lorena Gois de Lima (UFMG/UEPB)

*“Nenhum povo consegue saber exatamente
para onde vai, ou deve ir, sem que descubra,
primeiro, donde vem, isto é, quais são as
suas raízes”*
Salvato Trigo

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro é um dos grandes nomes da Literatura Brasileira, destacando-se por seus romances, contos e crônicas. Nasceu no recôncavo baiano, na Ilha de Itaparica em 23 de janeiro de 1941, de lá percorreu o Brasil e o mundo, morando depois em Sergipe, Salvador, Rio de Janeiro, Lisboa, Estados Unidos e Berlim. Deve-se a seu pai, que era professor e político, o gosto pela literatura, pois desde pequeno o incentivou a ler muitos clássicos de nossa literatura o que contribuiu para sua vasta influência literária – Shakespeare, Cervantes, Homero, Graciliano Ramos, Jorge de Lima e muitos outros. Mais tarde ele segue os passos do pai dando início a sua carreira acadêmica, indo lecionar na Escola de Administração e da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, e professor da Escola de Administração da Universidade Católica de Salvador. João Ubaldo Ribeiro, ao contrário do pai, não seguiu a carreira política embora tivesse engajamento para isso, comprovado em seu período como estudante em que era declaradamente esquerdista, chegando a participar como militante do movimento estudantil.

Sua atividade literária iniciou-se cedo, quando ele ainda era estudante e já trabalhava na imprensa. Nesse período ele editou em colaboração com o amigo de infância o cineasta Glauber Rocha revistas e jornais culturais. Sobre o universo literário de João Ubaldo Ribeiro, Glauber Rocha diz em algumas linhas:

Ubaldo, um escritor pra frente. Não tem preconceitos literários, maneja bem qualquer estrutura [...] Ubaldo, quando escreve, não se tortura com a palavra, como se a “seriedade” fosse uma espécie de salvo-conduto para frieza ou intelectualismo [...] é um cidadão que faz literatura com

a voracidade e alegria de quem toca jazz ou improvisa numa batucada: senta na máquina e manda brasa. Não é, porém, um improvisador primário: sua veia satírica é forte; sua indagação é gigante, sua novidade é permanente. (COSTA, 2009, p. 46 e 47)

A obra ubaldiana caracteriza-se por sua diversidade temática e formal, assuntos como a injustiça, discriminação, religião, raízes culturais, poder, etc. compõe seu legado literário, onde podemos encontrar em uma única obra um conjunto de abordagens como em *Viva o povo brasileiro* (1984) que ele questiona o poder, crítica a situação brasileira de país colonizado, apresenta a cultura africana (religião, culinária, costumes, etc.) e transgride com a personagem Maria da Fé a colocando como uma heroína, dando a ela voz e poder em sua obra. Ainda sobre a diversidade de sua obra Maria Gabriela Cardoso nos fala “A diversidade é, pois, a constante da sua obra em que o épico se opõe ao prosaico, a introspecção regionalista confronta o regionalismo metropolitano, um surrealismo hiperbólico contrasta com a exatidão neomodernista” (COSTA, 2009, p.56). Fica, assim, evidente o crescimento e a consolidação da obra de Ribeiro.

Sobre *Viva o povo brasileiro* Antônio Esteves faz um estudo histórico que mostra como João Ubaldo Ribeiro reescreve a história do país “de forma paródica, para tentar captar, por meio do grotesco, da carnavalização, a essência do povo brasileiro.” (ESTEVES, 2010, p. 169). A história que percorre quatro séculos da história do país tem como cenário a Ilha de Itaparica na Bahia que é a metáfora do Brasil e de seu povo, no romance. A Ilha de Itaparica é um cenário constante em suas obras, como nasceu e morou durante um bom tempo na Ilha cada local, cada pedaço dela é possível enxergar em suas obras ou como um local de lutas, guerras, formação de um povo, ou como um local paradisíaco.

Viva o povo brasileiro é uma das principais obras da literatura brasileira “que reside essencialmente na busca das raízes do povo brasileiro em sua miscigenação racial” (COSTA, 2009, p. 104), tratando em suas entrelinhas da formação da identidade de um povo, “com vistas a uma tomada de consciência nacional, a partir de uma reflexão sobre opressores e oprimidos.” (COSTA, 2009, p.104). Escrito por [João Ubaldo Ribeiro desde 1982](#) e publicado em [1984, é considerada uma das mais importantes obras da Literatura Brasileira – sendo publicado em outros idiomas, com direito a várias premiações e representação no cinema.](#)

Neste romance, o autor narra as peripécias de vários personagens pela história do Brasil desde antes da chegada dos portugueses até a década de 1970. A cronologia vai de 1647 a 1977 se concentrando a maior parte dos episódios no ano de 1827, momento central da obra. Uma das características principais da narrativa é a sua não linearidade, indo de um tempo a outro da história e sempre que possível voltando a algum ano ou tempo memorável – é um “ir e vir” constante, sem prejudicar a cronologia dos acontecimentos.

Baseando-se em fatos reais e fictícios, o romance apresenta uma linguagem envolvente e cheia de humor muitas vezes carregada de uma certa ironia, sátira e paródia, bem representada por suas dezenas de personagens, como negros, [índios](#), [portugueses](#) e [holandeses](#). Ao invés de representar uma exaltação à história brasileira, o livro faz uma recontagem crítico-[satírica](#) da mesma – “revisando as partes mais recônditas da opressão, desmascarando o opressor e discutindo a problemática da liberdade diante do poder e da injustiça.” (COSTA, 2009, p. 105). João Ubaldo Ribeiro denuncia as farsas, as mentiras, a corrupção, e todas as mazelas presentes no processo de formação do povo brasileiro, desenvolvendo assim, uma narração dos fatos contrária a história oficial.

O romance apresenta fragmentos de documentos orais e escritos, coerente com a História do Brasil, inclusive suas incoerências e injustiças, que segundo Maria Gabriela Cardoso tem a intenção de “mostrar que ao lado da história oficial do Brasil existe uma outra tão importante como a primeira, e cujas personagens tiveram/têm um papel fundamental na construção da identidade brasileira.” (COSTA, 2009, p.112). O livro contém ao todo 673 páginas, estando dividido em vinte longos capítulos que obedecem a mesma estrutura: referindo-se sempre ao nome de uma cidade, a data, o mês e o ano que ocorreu o fato a ser registrado em tal capítulo.

Em Viva o Povo Brasileiro, a formação do nosso povo se dá na Bahia, mais precisamente no recôncavo baiano e na Ilha de Itaparica, onde a cultura e os costumes do nordeste servem de pano de fundo para o enredo da obra, representando o Brasil e todo o seu povo. A escolha da Bahia como “locus” privilegiado na obra deve-se a sua referência como o berço da nação brasileira. E é o povo baiano que ganha voz na obra, se configurando como uma metáfora do povo brasileiro.

A narrativa surpreende desde o início, encabeçada pela palavra “contudo” como se em realidade ali não fosse o começo e sim uma continuação da história. Inicialmente parece um

tanto estranho um livro que começa com “Contudo”, mas logo nas páginas seguintes entende-se a intenção do autor que além de nos remeter a algo passado, ele anuncia acontecimentos futuros, como se pudesse prever o que viria pela frente. A primeira parte do romance é destinada a fatídica morte do alferes Brandão Galvão, um homem simples que com sua morte se torna um herói nacional, depois da invasão dos portugueses. Já na primeira parte João Ubaldo Ribeiro, faz um recorte histórico da colonização do Brasil, aludindo as diversas etnias que povoaram nosso litoral e dos que aqui permaneceram.

Contudo, nunca foi bem estabelecida a primeira encarnação do Alferes José Francisco Brandão Galvão, agora em pé na brisa da Ponta das Baleias, pouco antes de receber contra o peito e a cabeça as bolinhas de pedra ou ferro disparadas pelas bombardetas portuguesas, que daqui a pouco chegarão ao mar. Vai morrer na flor da mocidade, sem mesmo ainda conhecer mulher e sem ter feito qualquer coisa de memorável. (RIBEIRO, 1984, p.09).

Durante a narrativa o autor apresenta personagens como Maria da Fé, Lourenço e Patrício Macário, seres humanos movidos por princípios morais elevados. Em seu romance, através da busca pelo sentimento nacional conferido no embate ideológico entre elite *versus* povo, as classes mais oprimidas da sociedade ganham destaque imprimindo no Brasil seu pensamento, sua voz, sua luta por uma nação genuinamente brasileira.

Viva o Povo Brasileiro narra a saga de um povo em busca de sua afirmação identitária e formação cultural – “No Brasil, a questão identitária foi colocada, sobretudo, a partir do século XIX, com a busca romântica que nasce do conflito de já não querer ser português, quando se busca romper o “vínculo placentário” de que fala Antonio Candido”. (COSTA, 2009, p.18). Stuart Hall, já nos fala sobre essa questão em *A identidade cultural na pós-modernidade*, onde trata da identidade nacional e da constituição das culturas nacionais:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. [...] Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. [...] As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. (HALL: 2006, p. 47 e 48).

Em *Viva o Povo Brasileiro* João Ubaldo Ribeiro recorre à história oficial, rememorando elementos fundadores de nossa Nação, trazendo novos elementos a esta história. Muitos acontecimentos são descritos no decorrer da narrativa ubaldiana, um deles é a guerra do Paraguai que durou cerca de 6 anos, envolvendo a Argentina, Brasil, Paraguai e o Uruguai. No trecho abaixo João Ubaldo faz uma representação deste momento de tensão que passava o Brasil:

- [...] Esta história de guerra é mesmo verdade, já há tempos estamos mesmo em guerra com o Paraguai, mais de mês talvez.

- Quem te disse? Esses boatos correm o tempo todo, não se passa um dia sem que se fale em guerra no sul, contra os orientais, os portenhos, não sei que mais lá.

- Não, não, é verdade. Na Bahia já se sabe de tudo, as coisas são sérias, estamos em guerra! Pergunte a qualquer das pessoas que já chegaram de lá, todo mundo sabe.

- Deus meu! Estamos em guerra? Guerra? (RIBEIRO, 1984, p.411)

Depois de 141 anos de terminada a guerra do Paraguai, João Ubaldo Ribeiro, resgata o cenário, as imagens, a história desse confronto que teve o Brasil como vitorioso depois de muitas mortes de soldados brasileiro e estrangeiros. Outro momento importante dessa saga é

relatado na voz de Zé Popó que narra seus feitos heróicos e ressalta os valores do povo brasileiro. Zé Popó lutou ao lado de Patrício Macário saindo os dois ilesos e honrados pela Pátria:

Eram todos heróis e não nasceram heróis, eram gente do povo, gente como a gente da Ilha e da Bahia [...] e também foram heróicos os paraguaios. Não tinha ódio aos paraguaios, nem achava que se devia ter ódio deles, pois lutaram pela sua terra como nós lutamos pela nossa. Também os paraguaios eram um povo, gente como aquela gente, gente como nós. (RIBEIRO, 1984, p.483).

A história contada e vivida no livro faz parte da nossa história, mas apresenta uma série de modificações ao longo do enredo para chamar atenção para algo ou então para fazer alguma crítica à história – neste caso a história contada a luz dos vencedores pautada na verossimilhança. Tais alterações servem para ridicularizar a decadência de um país que excluí os negros do processo de formação de seu povo e tem na farsa e na mentira a consagração de verdadeiros anti-heróis ou nas palavras de Esteves “falsos heróis que erigidos por uma casta econômica e social que, para justificar sua dominação, não hesita em falsear os acontecimentos, tirando de cena os verdadeiros protagonistas do drama da formação do povo brasileiro” (ESTEVES, 2010, p. 169 e 170). É o caso de Perilo Ambrósio Góes Farinha, futuro Barão de Pirapuama:

Nem mesmo o som da batalha chegava-lhes agora como antes, embora antes tampouco houvesse o retumbo tremendo que esperavam. Perilo Ambrósio, que escolhera aquele ponto bem distante da luta para passar o dia, pois aguardava somente que vencessem os brasileiros para juntar-se a eles, temia que o combate não tivesse terminado ainda e que, por azar, fosse obrigado a tomar parte nele. (RIBEIRO, 1984, p.23).

Nesse capítulo, intitulado – Pirajá, 8 de novembro de 1822 – Perilo Ambrósio forja sua reputação de “herói da independência” invertendo os sinais de sua participação na luta, criando sua própria história, sua “verdade”. Ele finge ser um destemido guerreiro, ao “sangrar à faca” o negro Inocêncio para lambuzasse de seu sangue fingindo, assim, ter lutado pela independência, e para não ser desvendada nunca a sua farsa ele mesmo corta a língua do negro Feliciano que presenciou todo o acontecimento. Com tal episódio Perilo Ambrósio se configura como um herói da pátria, tornado-se mais tarde barão de Pirapuama, dono de um vantajoso patrimônio, fazendas ricas, cheio de títulos e concessões.

Perilo Ambrósio é de fato uma sátira aos que assim como ele nasceram da subversão da verdade histórica. Na narrativa ele detém a versão da história, trabalhando nela os fatos e acontecimentos que lhe convém de acordo com seus interesses. Logo, é através da mentira que Perilo Ambrósio recebe o reconhecimento da Pátria e ele próprio renega sua origem portuguesa, sem nenhum ressentimento, ao ser contestado pelo general sobre sua nacionalidade:

- Sim, meu comandante, foi Portugal onde primeiro vi a luz e entre portugueses fui criado, pois que o são meu pai e minha mãe, como hão de ser também os vossos maiores. Mas, se lá vi a luz, cá no Brasil foi que vi a vida e, se falo desta maneira, isto se deve aos que forcejaram desde sempre por meter-me na cabeça, eis que até aos estudos na Corte quiseram enviar-me, não houvera lutado para não formar-me em meio aos inimigos da liberdade e da Independência. Meu pai, sim, muito infelizmente, se alia à causa do opressor e isto me parte o coração, sendo eu brasileiro mais que por presença aqui, se não porque me sinto tão nativo a estas terras quanto as aves e os bosques. Eis por que saí da casa dos meus pais, renunciei à fazenda e aos espólios e vim cá combater até não me restar alento, ainda que de pouca valia seja. (RIBEIRO: 1984, p. 25).

O discurso no livro é histórico, baseado numa crítica ao processo de formação do povo brasileiro, primeiro pela exclusão dos negros e depois pela farsa de Perilo Ambrósio na luta pela independência do Brasil.

Em *A história ou leitura do tempo*, Roger Chartier estabelece uma distinção entre história e ficção, destacando a ficção como um discurso que informa do real sem pretender representá-lo tal como a história faz, em contrapartida Chartier mostra que tal distinção é ofuscada, por exemplo, através do encontro com o passado que a literatura promove ao representá-lo, daí história e ficção se sobrepõem de maneira que, nesse caso, não se pode separá-las: “Uma segunda razão que faz vacilar a distinção entre história e ficção reside no fato de que a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica” (CHARTIER, 2009, p.27).

Ainda segundo Chartier, qualquer autor pode ser um historiador, uma vez que as relações no passado entre memória e história estão presentes nas obras de ficção. É o caso de *Viva o Povo brasileiro* que problematiza as relações entre ficção, memória e história conferindo uma presença ao passado. Sobre esse resgate ao passado coletivo na obra de Ribeiro, Maria Gabriela Cardoso afirma que “Em Viva o povo brasileiro, o passado é revisitado de modo a possibilitar um reexame do presente.” (COSTA, 2009, p.17). Logo, através da memória é que a obra ubaldiana resgata as representações históricas do povo brasileiro, da fundação de sua cultura e de sua identidade nacional.

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, Maria Gabriela Cardoso Fernandes da. **Sobre as águas da memória atlântica: as vozes entrelaçadas de Lueji – o nascimento dum império e Viva o povo brasileiro**. Maceió: EDUFAL, 2009.

ESTEVES, Antônio R.. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RIBEIRO, João Ubaldino. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

